



## **Comunicação, visibilidade e vínculo: a presença indígena na virtualidade<sup>1</sup>**

Xenya de Aguiar BUCCHIONI<sup>2</sup>

Comunicação da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente artigo busca discutir a presença indígena na virtualidade, observada a partir do Blog Diários, tendo em vista as possibilidades que se abrem devido ao uso das tecnologias de comunicação. Problematisa-se, também, o conceito de cibercultura a partir de enfoques que partem da atuação dos indivíduos no ciberespaço e não da materialidade técnica. Posto isso, enfatiza-se o processo comunicacional em sua capacidade de gerar vinculação, sendo assim, o artigo procura entender como, a partir da experiência do blog Diários, o espaço virtual torna-se válido, isto é, passa a ter um sentido partilhado por seus participantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** tecnologias da comunicação; cibercultura; comunidades indígenas; blogs

### **INTRODUÇÃO**

A tecnologia não avança as comunidades e os povos, mas sim o uso e sua transformação na sociedade. Isso é o que realmente importa... a transformação que queremos é o resgate de nossas raízes e manter o equilíbrio em nosso planeta. (INDIOS ON-LINE, BLOG DIÁRIOS, 2009).

A partir de um referencial teórico que busca explorar a atuação dos indivíduos no ciberespaço, entendendo-o enquanto um espaço social praticado, um local onde a relação entre os indivíduos é capaz de nos levar a compreensão não só do uso das chamadas tecnologias de comunicação, mas também em como esse ambiente se torna um espaço válido para as mais variadas formas de expressão humana, o presente artigo procura explorar a presença indígena na virtualidade, mais especificamente o espaço do Blog Diários, presente no website da Rede Índio On-Line. As páginas que se seguem partem de um primeiro olhar realizado pela pesquisadora sob seu objeto de estudo, portanto, há, ainda, a predominância de uma abordagem mais exploratória, que, no entanto, se permite problematizar as imbricações entre comunicação e tecnologia para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em comunicação da FAAC-UNESP, bolsista FAPESP, email: xenya\_aguiar@yahoo.com.br.



além do nível técnico, como forma de captar as complexidades da relação entre um “eu” e “outro” no processo vincutivo que faz do espaço virtual um local com sentido partilhado pelos sujeitos. Pretende-se, nas páginas seguintes, contribuir para um pensamento comunicacional que leve em conta as dimensões sócio-cultural da comunicação, em detrimento a técnico-econômica.

## **CIBERCULTURA UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL**

Evidenciar a presença dos artefatos tecnológicos na vida contemporânea é suficiente para classificar uma nova cultura? Esta pergunta é, no mínimo, inquietante e, o propósito em tentar desenvolvê-la, pauta-se na necessidade de justificar o olhar que estará presente no desenrolar deste artigo. A partir da abordagem de Geertz (1989) sobre a definição de cultura, procuramos repensar a chamada cibercultura. Isso porque, como bem observou Rudiger (2003), ao revisitar obras de autores como Pierre Lévy, André Lemos, Manoel Castells, Paul Virillo, entre outros, a cibercultura quando não definida como uma nova cultura, formada pela fusão de cultura e tecnologia, é vista como uma emanção da máquina, uma coisa que serve para explicar um novo tipo de sujeito, uma nova relação do homem com a máquina, uma nova maneira de estar no mundo, um novo real concreto, etc. A insistência na palavra “novo” não é despropositada pois, além de referir-se a ideia de revolução, ruptura, revela a tendência, por parte de alguns autores, em extrair o sentido da técnica pela própria inovação técnica. Na visão de Geertz (1989) a cultura não deve ser entendida enquanto um poder, mas sim um contexto dentro do qual, tal como o autor adverte, acontecimentos sociais, comportamentos e instituições podem ser descritos de forma inteligível. Partindo das considerações do autor, a cibercultura será vista e interpretada, como um produto cultural, cujo significado emergirá através da descrição da trama complexa de práticas significativas que a mesma mobiliza. Entender a cibercultura enquanto produto cultural significa atribuir o caráter de mudança, não a tecnologia por si só, mas sim aos usos e significações que os sujeitos atribuem a mesma e maneira pelas quais a Internet é apropriada e tem seu significado negociado pelos indivíduos. Nem todo usuário da Internet, por exemplo, se considera “ciber-alguma coisa”. Ou, ainda que se expressem enquanto *ciberartistas* podem referir-se apenas à prática artística em ambiente virtual, o que não significa ruptura. Continuam fazendo o mesmo, mas em um ambiente virtual, isto é, nem as práticas, tampouco os indivíduos, podem ser considerados “novos” somente porque nomenclaturas e meio o são. Porém, não sejamos ingênuos, ao



marcamos tal atividade como “nova”, “novidade” estamos atribuindo valor social e sentido, os quais podem mais tarde, inclusive, tornarem-se ótimas estratégias de mercado. No entanto, para André Lemos (2007), em *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, a popularidade do termo *ciber* atesta, não só, a existência de uma nova cultura, a *cibercultura*, mas também uma “nova” forma de estar no mundo:

Como podemos constatar, desde os terminais bancários até o acesso à Internet, o termo “*ciber*” está em todos os lugares: *ciberpunk*, *cibersexo*, *coberespaço*, *cyberpunks*, *cibermoda*, *cibereconomia*, *ciber-raves*, etc. Todos os termos mantêm suas particularidades e diferenças, formando no seu conjunto, a *cibercultura*. Todos eles atestam uma atitude, uma apropriação, vitalista, hedonista, tribal e presenteísta da tecnologia. (LEMOS, 2007, p.17-18)

O argumento do autor complica-se à medida que trata a *cibercultura* como a fusão entre cultura e técnica uma vez que, como aponta Rudiger (2003), não se sabe ao certo em sua análise por que antes ambas estavam separadas. O fato é que o argumento não se sustenta e, ainda que tente se desvencilhar de uma visão determinista, acaba falho:

A *Cibercultura* é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a *Cibercultura*. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*homerbanking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A *Cibercultura* representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (LEMOS, 2003, p.12)

Lemos (2007), (2003) centra-se na relação homem/tecnologia e, em como a última está presente em nossas atividades cotidianas, sendo impossível mensurar sua presença nas atividades de nossas vidas. O fato é que, ao olhar a técnica e sua penetração na vida cotidiana, a fim de descrever essa nova cultura *ciber*, o autor avalia a vida contemporânea a partir das inovações técnicas e suas possibilidades. O emprego do termo *ciber* em diversas definições não é forte o suficiente para sustentar a idéia de um novo ser e de uma nova cultura. Não há homens sem cultura e cultura sem homens, já diria Geertz (1989), isto porque os homens têm participação fundamental em sua construção. Ou seja, o entendimento de *cibercultura* enquanto uma nova cultura emergirá dos sujeitos envolvidos nesse mundo conectado e não a partir do desenvolvimento tecnológico. Como pontua Ardèvol, Martí, Mayans (2002), falar de *cibercultura* consiste em não buscar sua definição fora dos próprios limites e contextos culturais no qual o termo ganha sentido. Para os autores, um bom começo seria indagar



sobre quem fala de cibercultura, de onde fala e para que, para assim, apreender a teia de significados que geram um contexto de inteligibilidade ao termo.

Máximo (2007), em pesquisa etnográfica realizada no universo dos blogs, também a partir da concepção de Geertz (1989) sobre a cultura, afirma que, ainda que a observação seja feita num dado registro, a possibilidade de determinados aspectos ou padrões comunicativos se estenderem a outros grupos e/ou outras modalidades de comunicação mediada por computador é válida. O olhar através desse foco permite, ainda segundo a autora, afastar as polarizações negativas e positivas a respeito da tecnologia, pois retira a atenção da idéia de “mundo paralelo” por vezes atribuída ao ciberespaço. A noção de ciberespaço como nova realidade e construção tecnológica perde força a partir das considerações realizadas até aqui, pois a indagação volta-se a como os indivíduos aceitam esse espaço virtual como um local válido para, entre outras coisas, se expressarem sócio-emocionalmente. Reid (1994 *apud* ARDÈVOL; MARTÍ; MAYANS, 2002), através de sua pesquisa sobre as interações em MUD – um sistema de realidade virtual baseado na descrição textual que pode ser utilizado por diversos participantes, desde que tenham os computadores interconectados – observou como os usuários criaram um contexto cultural rico, através da construção coletiva de um contexto de inteligibilidade, que permitiu, até mesmo, a criação de expressões próprias e regras de comportamento. Segundo Reid (1994 *apud* ARDÈVOL; MARTÍ; MAYANS, 2002) a dificuldade, *a priori*, estaria na não existência de interação face-a-face, pois “the words themselves tell only half the story--it is their presentation that completes the picture”. Isso porque nossa interação se dá a partir de sinais corporais e simbólicos, tais como, o tom de nossa fala, o estilo de se vestir e de escrever a mão, nossas posturas e expressões faciais, etc. Mas, como a autora observa em relação ao ambiente dos MUD’s, “although they cannot see, hear or touch one another, MUD players have developed ways to convey shades of expression that would usually be transmitted through these senses (REID, 1994). Com isso, são criados contextos de ações para os usuários e sistemas de significação sobre a tecnologia.

Em seus estudos Hine (1998) se concentra em entender não apenas como as pessoas usam a internet, mas também as práticas que conferem significados a esse uso em contextos locais. Quando se trata da internet é preciso aprender além dos manuais técnicos e interpretar aquilo que se lê na tela gélida do computador e também saber como utilizar o teclado de modo que o que se escreve possa ser apreciado por alguém. Para Hine (1998) precisamos entender as relações sociais que transformam a internet em



algo significativo para as pessoas. Nesse sentido, um caminho possível é aquele que retoma a importância do sujeito virtual no processo de construção desse espaço sintético proporcionado pela internet, comumente chamado de ciberespaço. Mayans i Planells (2006), em sua pesquisa com comunidades virtuais, afirma que há de se trabalhar esse espaço enquanto espaço social praticado e aponta para sua aparente banalidade, composta por conversações efêmeras, frágeis e fragmentadas, fato que, por vez, aponta o ciberespaço como um lugar ‘pouco sério’. O interessante nos trabalhos desse autor é que, ao longo de sua pesquisa em chats, Mayans i Planells (2006) foi percebendo que, justamente, esse banal possuía extrema relevância:

En la sucesión de chistes, burlas, juegos y comentarios banales sobre la actualidad o sobre el medio, se estaba produciendo, en realidad, un proceso constante de aseveración del vínculo y la significatividad social del propio espacio y del propio grupo social, por inestable y cambiante que éste fuera. En cada una de las palabras tecleadas rápidamente, con abreviatura y faltas de ortografía, que corrían por la pantalla condenadas a desaparecer al cabo de un par de minutos, se encontraban las auténticas partículas atómicas de la sociabilidad (MAYANS i PLANELLS, 2006).

Os estudos acima se mostram distantes da concepção de ciberespaço como novo meio surgido pela interconexão mundial dos computadores proposta por Lévy (1996). As significações sobre a tecnologia em geral, dispersas em diferentes atividades e implícitas em nosso senso comum, são entendidas a partir de redes de significação, de um sistema cultural, tal como propunha Geertz (1989). Tal perspectiva não busca definir um todo cultural, mas sim realizar análises parciais de uma prática social concreta para dar conta de compreender as múltiplas possibilidades de apropriação e significação da tecnologia. A preocupação com a “usabilidade” e a interação do sujeito/objeto é posta de lado em detrimento a comunicação operada num determinado sistema de práticas sociais on-line que, por sua vez, é descrito e interpretado com densidade a partir dos sujeitos envolvidos.

Discutimos nas linhas anteriores uma forma de olhar a cibercultura e o ciberespaço enquanto construções culturais de modo a (re)inserir a importância do sujeito em tal feito. Acreditamos que, ao afastarmos-nos das concepções que buscam entender tais conceitos a partir do desenvolvimento tecnológico, poderemos 1) captar a diversidade dos modos de ser presentes na virtualidade com profundidade e não a partir da variedade de nomenclaturas (*ciberpunks, ciberativistas, etc*); 2) questionar a ideia de “novo” e “diferente” atribuída às práticas sociais realizadas no ambiente virtual 3) centralizar a atenção nas imbricações entre comunicação e tecnologia para além do nível relacional, puramente técnico, como forma de captar as complexidades da relação entre



um “eu” e “outro” no processo vincutivo, isto é, no momento em que um espaço virtual específico passa a ter um sentido partilhado pelos sujeitos, tornando-se válido. A seguir, exploraremos de maneira mais aprofundada essa última proposição.

## COMUNICAÇÃO, VISIBILIDADE E VÍNCULO

Desvendar a problemática anterior á luz da comunicação torna-se imprescindível para compreender o tema em estudo. Afinal, como estamos pensando, conceitualmente, a comunicação? Essa pergunta-chave é linha mestra das páginas a seguir, pois define uma maneira de olhar o lugar da comunicação na contemporaneidade. Em um momento em que as pessoas são, cada vez mais, convidadas a se comunicarem, qual sentido tal iniciativa acarreta ao próprio entendimento da comunicação?

*Broadcast yourself* (Youtube), *Mostre quem você é!* *Comece um blog.* (Wordpress), *What you are doing?* (Twitter), *Compartilhe suas fotos e vídeos, explore o mundo* (Flickr). As chamadas evidenciam as múltiplas formas de participação disponíveis no universo on-line e caracterizam-se por um elemento comum: “o mostre quem você é”. Seja por vídeo, imagem, ou texto, o importante é comunicar aos outros um pouco sobre você. Compartilhar a vida cotidiana e as experiências individuais é a ordem da vez. As noções de público e privado alteram-se na visibilidade da rede. Para tornar-se visível nada melhor do que tornar público o seu espaço privado. O interesse pela vida privada alheia não é algo novo, a história do jornalismo trás inúmeros exemplos de colunas sociais, com informações privadas sobre personalidades ilustres. A novidade está, não só na ampliação da visibilidade, devido às múltiplas possibilidades de conexão à rede, mas também na possibilidade do indivíduo comum tornar-se visível. A produção, edição, redação e seleção do que será posto a apreciação pública é, hoje, possível de ser realizada através de celulares, câmeras digitais, filmadoras, texto, etc. Blogs, Flickr, My Space ou Orkut tornam-se espaços onde os indivíduos tecem a narrativa de suas identidades à coletividade e também estabelecem novas formas de sociabilidade. Uma vez na rede, os próprios indivíduos são passíveis de se tornarem um evento midiático. A essa virtualização da existência humana, Sodré (2002) chama de *midiatização*. Esta, não nos diz o que é a comunicação, mas caracteriza-se como um pensamento comunicacional sustentado pela ideia de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias de comunicação. Nesse sentido, o conceito nos serve como orientação à interpretação de determinados fenômenos contemporâneos alicerçados nas práticas midiáticas.



Numa ordem social organicamente constituída por informação (mídia em tempo real, computadores, satélites, ambientes virtuais, etc.), o espaço é a própria informação, portanto um novo “solo” para um novo bios. (SODRÉ, 2002, p. 195).

Ao converter-se em realidade midiática, isto é, ao existir e se apresentar na rede, o indivíduo se coloca diante de uma nova relação com as referências concretas, isto porque a dinâmica do “tornar-se visível” está estritamente ligada a produção performática, fato que confere uma interpretação distorcida da realidade.

Berger (1985), ao questionar-se como a atividade humana produz o mundo das coisas, pontua que a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de nosso corpo e do “agora” do presente, para em seguida dizer que aquilo que é “aqui e agora” é o *realissimum* de nossa consciência, isto porque a realidade da vida cotidiana já aparece objetivada antes mesmo de nosso nascimento e apresenta-se como um mundo intersubjetivo. Sabemos que participamos da realidade da vida cotidiana juntamente com outros homens, logo, entre as múltiplas realidades, esta se torna “a realidade” por excelência, por ser factidade não requer verificações.

Sei que minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural de outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do “aqui e agora” de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. (BERGER, P. 1985, p. 40).

Parece ser que nessa apresentação do *eu* na virtualidade, nessa virtualização da existência, a visibilidade da realidade da vida cotidiana ganha imenso valor. Dessa maneira a existência virtual é alimentada pela experiência cotidiana, marcada pela performance, mas, no entanto, partilhada com os outros, anônimos ou não, que se dispõem a assistir essa apresentação. Podemos falar então de um processo de narração da identidade e também da constituição de um jogo de poder calcado na dinâmica do “tornar-se visível”. Se para Foucault (1977 *apud* THOMPSON, 2008) o jogo de poder da visibilidade se circunscrevia ao compartilhamento de um domínio comum, físico, o que presenciamos hoje é, ainda mais, complexo. Afinal, como bem aponta Thompson (2008), podemos testemunhar acontecimentos “descolados” do tempo-espaço. Ou seja, as formas tradicionais de vinculação já não são suficientes para entender o processo constitutivo dessa realidade virtual. Por isso, como dito anteriormente, entender a cibercultura enquanto construção cultural pode auxiliar no entendimento dessa “nova” forma de vinculação, isto é, em como, a partir da virtualização da existência, vão se



construindo contextos válidos para as ações dos indivíduos, bem como para sentimentos de pertença.

“[...] num mundo onde a capacidade de experimentar não está mais ligada à atividade do encontro, como podem relacionar experiências mediadas aos contextos práticos da vida cotidiana? Como se podem relacionar com eventos que acontecem em locais distantes dos contextos em que vivem, e como podem assimilar a experiência de acontecimentos distantes numa trajetória coerente de vida que devem construir para si mesmos?” (THOMSPON, J. B., 1998, p. 182)

Através da linguagem marcamos nossas vidas na sociedade e enchemos esta de significado, evidente que a comunicação e a interação são imprescindíveis para nossa existência na vida cotidiana. Se a linguagem produz realidade e sendo a mídia uma técnica política de linguagem, tal qual pontua Sodré (2002), a última torna-se formadora e interventora da consciência humana. Soma-se a isso a questão da temporalidade, uma vez que esta é propriedade intrínseca da consciência, como afirma Berger (1985). “A estrutura temporal da vida cotidiana fornece a historicidade que determina minha situação no mundo da vida cotidiana” (Berger, 1985, p. 44) e é, também, através dessa estrutura temporal que a vida cotidiana conserva seus sinais de realidade. Acontece que o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação vêm ampliando o alcance dos discursos (da linguagem) e alterando a noção de tempo. Uma vez que o tempo da rede, em última instância o tempo do fluxo de informação, vem sendo chamado de “tempo real”, temos o comprometimento da periodização de nossa própria existência. Talvez, por isso, Sodré (2002) acabe sendo um tanto quanto dramático em relação à identidade, que para ele, na virtualidade retornaria ao grau zero do sujeito, desprovida de sentido e acúmulo histórico de significações. Ainda segundo o autor, diante da configuração desse real atravessado pela virtualização a forma assumida pela consciência seria a da técnica. No entanto, esse ponto requer uma verificação mais aprofundada para não incorrerem em certos determinismos.

Posto isto, temos que em uma sociedade intensamente midiaticizada, cada vez mais, as tecnologias de comunicação participam do relacionamento entre indivíduos e realidade e, mais do que isso, interferem diretamente sob os processos de individuação das consciências, alterando as formas de relação entre o sujeito e o real concreto. Se o núcleo teórico da comunicação compreende em entendê-la em sua capacidade de gerar vinculação, de modo que os indivíduos possam tornar o mundo inteligível de maneira afim, cabe aos pesquisadores da área buscar na rede não as formas de interação, mas sim os sujeitos e os usos que estão sendo feitos da tecnologia, ou seja, aquilo que leva



alguém a estabelecer uma prática comunicativa em rede e a maneira como tal atividade se relaciona aos processos de formação do próprio sujeito e às atividades cotidianas. Tal postura contribui para diminuir rotulações tanto em relação ao atual momento, como ao sujeito contemporâneo, além de distanciar-se do aspecto técnico-interacional. Assim, devido ao intuito do presente artigo, buscamos explorar alguns questionamentos expostos até aqui no blog Diários, presente no site de um coletivo indígena específico, o Índio On-line.

## **A PRESENÇA INDÍGENA NA VIRTUALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

É no mínimo curioso associar a palavra índio à virtualidade, afinal o termo “índio” nos remete a idéia de pureza e homogeneidade. Desde o legado de nossos romancistas, o índio é evocado para nos lembrarmos de nossas raízes culturais e de nossa identidade. Um índio, muitas vezes idealizado, basta recordar a bela Iracema, com seus lábios de mel e toda a descrição europeizada. O que de fato é recorrente em nossa memória, como bem aponta Barbero (2001), é converter o índio como algo irreconciliável com a modernidade, logo privado de existência positiva. Numa outra vertente, o indígena é associado a uma resistência que o supervaloriza, com certos contornos exóticos, idealisticamente atribuindo sua capacidade de sobrevivência étnica-cultural diante do atual sistema capitalista. Ao compreendermos a cultura indígena remetendo-a a um tempo a-histórico ou negando a sua capacidade de desenvolver-se dentro do sistema capitalista, acabamos por entender o índio sempre como um ser primitivo e estático. Logo, a questão da simples presença de índios na internet, nos obriga a repensar esse “ser índio”. Mais do que isso, nos coloca diante das imbricações entre identidade e tecnologias de comunicação e suas relações com essa outra possibilidade de “habitar” que se verifica na contemporaneidade.

Interessante ressaltar que Pereira (2008), em sua pesquisa de mestrado, entre 2005 e 2007, fez um mapeamento da presença indígena brasileira na Internet e constatou, no ano de 2006, a existência de 27 sites. Posteriormente, já no ano de 2008, o número aumentara para 37 sites. Durante a pesquisa, Pereira (2008), percebeu que devido à dinâmica do ciberespaço se faz necessária a marcação de um registro temporal, uma vez que o aparecimento e, também, o desaparecimento dos sites é veloz. Outro apontamento pertinente diz respeito ao tipo de conteúdo mapeado, sendo categorizados como *sites de organização* (62,17%), *sites pessoais* (21,62%), *sites de etnias* (16,21%),



o que revela a predominância da atuação indígena por meio de organizações, fato que pode evidenciar um tipo específico de entendimento sobre a Internet, bem como formas mais profissionais de participação. Estando o blog Diários dentro da rede Índios On-Line, formada a partir da parceria entre a THYDÊWÁ – associação civil de direito privado sem fins lucrativos, legalizada em agosto de 2002 que agrupa, atualmente, índios e não índios – e o Ministério da Cultura, através de seu programa Pontos de Cultura Viva e da ANAI (Associação Nacional de Apoio ao Índio), seria prudente classificar o blog Diários como uma forma de ciberativismo e seu conteúdo de contra-hegemônico? O que de fato ocorre no blog, isto é, qual sua finalidade? Que percepção seus participantes têm em relação ao uso do blog, bem como a essa presença na rede? Como se apresenta esse “índio” através dos posts<sup>3</sup>? A partir de tais questionamentos foi realizado o primeiro contato com o blog Diários, sempre levando em conta os conceitos e teorias abordados anteriormente. O que segue abaixo é o relato de um primeiro olhar ao conjunto de posts referentes ao mês de abril de 2009.

#### **13.04.2009 – A PRIMEIRA VISITA**

O próprio nome do blog, Diários, remete a um relato pessoal, afinal manter um diário significa confidenciar situações do dia-a-dia, pensamentos íntimos, emoções, ou seja, as experiências individuais pelas quais passamos. Paradoxalmente, manter um diário na Internet seria compartilhar a particularidade, tornar público algo que, supostamente, deveria manter-se no âmbito privado. Outra peculiaridade, no caso do blog Diários, é o nome em plural, afirmando uma presença coletiva no processo narrativo, uma pluralidade de autores. Ao observar os posts percebi que classificar o blog enquanto diário íntimo não seria satisfatório. A presença de posts de localizações variadas, eventos como congressos e palestras, bem como rituais específicos, entrevistas com políticos locais e com os próprios indígenas, além de reflexões sobre o que é ser índio e medicina, entre outros assuntos, me levaram a entender o blog como uma expressão singular de determinados sujeitos, que constroem sua identidade nessa seleção, nesse recorte do que é apresentado. Não há uma seqüência diária de posts, evidenciando que aquilo que lemos não é o dia-a-dia de uma comunidade indígena, mas sim relatos fragmentados dos mais variados temas que, vistos em conjunto, corporificam uma identidade, configurando-se como uma *apresentação do eu*, tal qual

---

<sup>3</sup> Definição de *post* pelo dicionário Oxford University Press On-line - PUBLIC NOTICE: to put a notice, etc. in a public place so that people can see it. “The results will be posted on the Internet”.



Máximo (2007) observou em suas pesquisas. Outro elemento que auxilia essa apresentação é o próprio *layout* do blog, que em termos técnicos traz 20 posts por páginas, com data e horário das postagens, assinados por cada autor e com o respectivo e-mail, há também opção para acesso aos arquivos e busca por palavras, no entanto é a seleção de elementos gráficos, evidentemente além do conteúdo, que contribui para corporificar o sujeito do blog, isto é o (s) autor (es). No blog Diários, os elementos gráficos que separam os posts remetem ao trançado de cestos de sisal e a seleção das cores, com tons marrons, remetem a terra, o que nos ativa determinada idéia de índio, nesse caso específico, àqueles que vivem em aldeias, ao menos em minha imaginação. Talvez, essa imagem tenha se construído no momento em que prestei atenção às fotos presentes em inúmeros posts. Cocares dos mais variados tipos e tamanhos, colares com dentes de tigre, sementes, trançados, rostos pintados, crianças com roupas típicas e flautas de bambu lembraram-me as gravuras de livros de escola. Tais constatações fizeram-me refletir sobre como os índios vêem a si mesmos, pois, a princípio, o blog remetia ao olhar do branco sobre o índio, mas no entanto, os autores, produtores dos conteúdos sabem que esse ambiente é público, ou seja, até que ponto não estaria sendo induzida a reforçar a idéia de um índio de arco e flecha, com pinturas no corpo, vivendo em aldeias, tal qual as apostilas de escola trazem em suas páginas? Ou seja, uma idéia de índio socialmente aceitável. Se, no entanto, o blog fosse desprovido dessas marcas simbólicas, será que não duvidaríamos de seus autores e nos afastaríamos da participação? Nesse caso, reforçar o imaginário socialmente aceitável e, no entanto, incorporá-lo no intuito de transformar esse referencial poderia ser uma boa saída. Posto isso, restou-me olhar atentamente o conteúdo.

Todos os cinquenta e quatro posts do arquivo do mês de abril apresentam títulos em negrito e uma pequena parte do texto. Para lermos na íntegra precisamos abri-lo através da indicação do “Leia Mais” e, assim, somos levados a página original do post, onde podemos ver, também, os comentários feitos pelos visitantes, além de podermos registrar a nossa própria apreciação. Embora, eu achasse que os textos evidenciarium certa dificuldade com a língua portuguesa, devido à tradição majoritariamente oral dos povos indígenas, o que se verificou foi, justamente, o contrário. Apenas dois textos (3,8%) demonstraram alguma dificuldade em relação à língua portuguesa. Realmente interessante nesse contato foi a quantidade de vídeos com a qual me deparei. De um total de cinquenta e dois posts, trinta e quatro (65%) continham vídeo. O uso desse recurso é totalmente viável, sobretudo se pensarmos que



essa ferramenta permite a permanência da comunicação oral, fato que facilita a participação da comunidade indígena, como pude observar nos diversos vídeos com depoimentos e reflexões de índios mais velhos. Apesar do blog permitir um agrupamento dos posts por categorias, percebi que o recurso não foi muito utilizado no mês de abril, somente sete (13%) foram agrupados (educação, política, história, eventos, atividades). Os demais ficaram sob o signo de “*Abertura*”, o que me levou a identificar que não haviam sido agrupados, uma vez que versavam sobre assuntos completamente distintos, como eventos, poesia, textos opinativos, entre outros. O conteúdo reforça a idéia de um povo guerreiro e sobrevivente e essa construção se faz, sobretudo a partir da própria dinâmica entre conteúdo e comentário, onde é possível perceber, também, a os constantes registros de uma pacífica relação entre índios e natureza. Embora, muitas vezes, as temáticas se afinem a uma construção de índio muito parecida à imagem que os brancos têm dos índios em geral, elas abordam os direitos indígenas não só ligados às questões de território, mas também à educação e política, paradoxalmente, há em alguns posts uma crítica a esse excesso de estereotipização fato que reforça o argumento feito anteriormente sobre a questão da *apresentação do eu*, dentro dos limites do socialmente aceitável. Ou seja, voltamos novamente a questão do que é ser índio, sobretudo dentro desse contexto das tecnologias de comunicação.

### **BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de meu primeiro contato com o Blog Diários procurei levantar algumas questões pertinentes para a compreensão da relação entre novas tecnologias de informação e identidade, sempre guiada pelas discussões atuais que pautam os estudos de comunicação e também os contextos específicos onde os indivíduos *se dão a ver* na atualidade. Longe de estarmos diante de um novo índio, o que evidenciamos nos (des) caminhos do blog não é a “vida como ela é”, mas sim uma encenação, uma *apresentação do eu*, dentro de um contexto que se faz vivo pela olhar de um “outro”, que nas múltiplas possibilidades de trajetórias, pelos posts fragmentados, tem a possibilidade de construir a própria biografia do blogueiro, tal qual observado por Máximo (2008). Ainda que esses índios se apresentem com o olhar socialmente aceitável dos brancos, tal fato se configura mais como uma estratégia, um convite à leitura de outros imaginários possíveis. Não deixam de ser índios só por utilizarem a tecnologia, no entanto sabem muito bem que a aparência foi o pouco que lhes restou de autenticidade e, por isso, trabalham sobre essa construção milenar. Nas constantes



referências, tanto nos comentários, quanto nos posts, às qualidades de guerreiros e sobreviventes fica a certeza de que reside, justamente nesses signos, o vínculo necessário para a formação de parentesco (o comum na comunidade), como mostram os posts de diferentes etnias presentes no blog. Mais do que interação, entramos num domínio onde o conceito de comunicação transcende sua visão instrumental de modo a estabelecer um sentimento de partilha, na difícil e conflituosa relação entre um “eu” e um “outro”, isto é, num meandro onde não só se expressam as experiências cotidianas, mas também se constroem e reconstroem identidades.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARDÈVOL, Elisenda; MARTÍ, Joseph; MAYANS, Joan. **Cibercultura/ cibercultures: a cultura d'internet o l'anàlisi dels usos socials d'internet**. In: Actas Del IX Congreso de antropologia de la Federación de Asociaciones de Antropologia del Estado Españõl. Barcelona, sep., 2002. Disponível em:

<[http://cv.uoc.edu/~grc0\\_000199\\_web/pagina\\_personal/ardevol.pdf](http://cv.uoc.edu/~grc0_000199_web/pagina_personal/ardevol.pdf)>. Acessado em: 10. mar. 2009.

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BERGER, Peter. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTD, 1989.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. IRISS Conference Papers, 1998, disponível em: <<http://etnografiacirtual.blogspot.com/search/label/cristhine520hine>>. Acessado em: 15 de jun. 2008.

ÍNDIOS ON-LINE. **Blog Diários**. Disponível em: <<http://www.indiosonline.org.br/>>. Acesso em: 13 abril 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo. (Orgs.) **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

MAYANS I PLANELLS, Joan. **Etnografia virtual, etnografia banal: La relevancia de lo intranscendente en la investigación y la comprensión de lo cibernético**. In: III CONGRESSO: OBSERVATORIO PARA LA CIBERSOCIEDAD, 2006. Disponível em:

<<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=772>> . Acessado em: 17 de jun. 2008.



MÁXIMO, M. E. **O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs.** Civitas, Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2007, p. 25-47. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/3523/2753>>  
Acesso em: 17. dez. 08

MONASTERIOS, Gloria. **Usos de Internet por Organizaciones Indígenas (OI) de Abya Yala: para uma alternativa em políticas comunicacionales.** In: Revista Comunicación, Caracas, n. 122, p. 60-69, segundo trimestre de 2003

PEREIRA, Eliete. **Ciborgues indigen@s.br: entre a atuação nativa no ciberespaço e as (re) elaborações étnicas indígenas digitais.** In: II SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2008, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em:  
<<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Eliete%20Pereira.pdf> >. Acessado em: 15. dez. 2008.

RUDIGER, Francisco. **Introdução à crítica da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo.** Porto Alegre: Sulinas, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sobre a episteme comunicacional.** MATRIZES, São Paulo, n. 1, p. 15-26, out., 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A nova visibilidade.** MATRIZES, São Paulo, n. 2, p. 15-38, abril, 2008.